

Guia

Antropológico II

Diamantina

São Geraldo
do Baguari

Paulistas

Correntinho

Guanhães

Serra do
Candonga

Capelinha

São João Evangelista

São Sebastião
do Maranhão

Serra

Minas Nova

Sabinópolis

Cantagalo

Virginópolis

2021

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS - IFMG
CAMPUS SÃO JOÃO EVANGELISTA - SJE**

**COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA**

Comitê Científico (Avaliação/Revisão)

Giuslan Carvalho Pereira
José Fernandes da Silva
Marcelo Augusto Filardi
Rejane Valéria Santos
Wálmisson Régis de Almeida

Organizadores

Sandra Regina do Amaral
Filipe de Oliveira Maciel

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G943 Guia Antropológico II [recurso eletrônico] / Sandra Regina do Amaral; Filipe de Oliveira Maciel (org.). – São João Evangelista, MG: Instituto Federal de Minas Gerais *campus* SJE, 2021.

57p.; il. color.

E-book, no formato PDF.
ISBN 978-65-5876-156-3

1. Cultura. 2. Patrimônio Material. 3. Patrimônio Imaterial.
I. IFMG SJE. II. Amaral, Sandra Regina do. III. Maciel, Filipe de Oliveira. IV. Título.

CDD 306
CDU 316

Catalogação: Rejane Valéria Santos - CRB-6/2907

Prefácio

É com grande prazer que escrevo o prefácio do Guia Antropológico II, que neste ano busca enfatizar a importância de Paulo Freire, enquanto educador e pensador, em comemoração ao seu centenário de nascimento. E, seguindo os ensinamentos desse grande educador brasileiro, os/as autores/as do Guia são estudantes, que buscaram em seu local de vida, em sua região a História e a Cultura que compõem suas vidas e, porque não dizer, nossas vidas, para dessa forma demonstrar os conceitos teóricos fundamentais da disciplina Antropologia, e sua importância, para o processo de identidade, do corpo discente, do corpo docente, assim como dos técnicos e de todos e todas que fazem parte do ambiente escolar do Instituto Federal de Minas Gerais - *campus* São João Evangelista. Pois todos possuem Cultura, e as formas históricas e sociais de transmiti-la de geração em geração. O que demonstra porque a Cultura precisa da sociedade para se refazer e se manter viva. O Guia, de maneira simples e leve, trabalha os conceitos de Cultura e seus predicados. Percebemos nele exemplos de cultura-material, imaterial, simbólica entre outros, e a Cultura pensada como forma de identidade.

O Guia é um passeio por várias cidades do Vale do Jequitinhonha e do Vale do Rio Doce, através de entrevistas com pessoas que representam o modo de ser do lugar, o modo de fazer do lugar, o modo de rezar do lugar, ou seja, o Guia nos convida a pensar a Cultura observando o cotidiano de nossas vidas e do lugar que possibilita esse modo de ser.

Outro elemento extremamente importante que o Guia nos traz é a relação entre a Antropologia e o processo ensino e aprendizagem. Da forma que foi concebido, é em si um processo de aprendizagem que possibilita outros de aprenderem, ou seja, o Guia é um aprendizado e ao mesmo tempo matéria que nos faz aprender. As pequenas “etnografias” traçadas no decorrer do Guia, nos demonstram de maneira leve a necessidade de ver o “outro”, de criar de fato a empatia, que não pode ser pensada apenas como um conceito teórico, mas como uma ação política de se pensar e sentir no “lugar” do outro para então respeitar a diversidade sócio-cultural-ambiental que envolve as regiões onde habitam os sujeitos desse fazer aprender/ensinar. Respeitar as diferenças culturais é a única forma de criarmos um ambiente escolar equitativo, pois a diferença não significa desigualdade, mas quando não respeitamos as diferenças produzimos desigualdades. O grande aprendizado, para mim, ao ler o Guia, foi de aprender a valorar as coisas da vida em seu fluxo contínuo e as pessoas que habitam o meu lugar e todos os lugares.

Por fim, gostaria de agradecer aos organizadores pelo convite para escrever este prefácio. E parabenizar o corpo discente que participou desse belo trabalho, bem ilustrado com imagens lindas.

Marivaldo Aparecido de Carvalho DCB/FCBS/UFVJM

Sumário

Introdução	04
Vale do Jequitinhonha	
Capelinha (parte 1)	06
Capelinha (parte 2).....	09
Diamantina	13
Minas Novas	17
Serro	19
Vale do Rio Doce	
Cantagalo.....	24
Guanhães – Correntinho (parte 1).....	26
Guanhães – Correntinho (parte 2).....	30
Guanhães – Serra do Candonga.....	33
Paulistas	36
Sabinópolis	39
São João Evangelista (parte1)	42
São João Evangelista (parte 2)	44
São João Evangelista – São Geraldo do Baguari.....	47
São Sebastião do Maranhão	51
Virginópolis	54
Considerações Finais	57

Introdução

“O que você vai ser quando crescer?”. Logo que ingressamos na universidade há uma relação subjetiva que se vincula diretamente a este questionamento que ouvimos desde a infância. É a busca por dar um passo adiante na compreensão sobre nossa identidade e a forma pela qual, através da educação e do conhecimento, daremos função ao nosso corpo físico e intelectual. Por vezes, sobretudo na perspectiva da prática de uma ciência positivista, jovens pesquisadores estão sendo padronizados nos moldes do sistema capitalista, tendo como referência uma epistemologia e corporalidade eurocêntrica e colonialista, sendo assim conduzidos a um tecnicismo, a uma suposta superioridade dada pelo diploma.

Na contramão dessa hegemonia, e em consonância com o legado de Paulo Freire, em ano de seu centenário, buscamos fortalecer os princípios de uma educação libertadora e desvelar os diferentes saberes que nos constituem. Do desejo de reconhecer e valorizar a riqueza e diversidade das relações, sejam étnicas, sociais, religiosas, culturais, políticas ou de outras naturezas, nasceu em 2020 o Guia Antropológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais - *campus* São João Evangelista (IFMG-SJE), instituição que recebe anualmente centenas de estudantes, sobretudo da região que está inserida, marcada por forte presença de grande diversidade cultural que revela a relação ser humano e natureza, questões identitárias, tradições de matriz africana e indígena e dinâmicas do organismo social regional.

Este e-book *Guia Antropológico II* foi elaborado pelas turmas do primeiro período (2021) das licenciaturas em Ciências Biológicas e Matemática. Os estudantes pesquisadores tiveram a liberdade de se organizar em grupos e escolher um tema relacionado ao patrimônio histórico, cultural e/ou ambiental de um município, compondo parte das atividades da disciplina Antropologia da Educação. Para o uso de imagens e realização de entrevistas foram utilizados Termo de Cessão de Imagens (TCI) e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os textos apresentam uma linguagem híbrida, com fotografia e escrita, cujo vocabulário é de fácil compreensão. Ademais, fontes bibliográficas e de consulta externa estão inseridas via notas de rodapé.

O Guia Antropológico representa uma proposta de acolhimento e estímulo aos futuros docentes, recém-chegados ao IFMG-SJE, para que, conscientemente, tomem suas histórias e saberes como ponto de partida. Deste modo, esperamos que haja uma provocação aos autores e leitores para um olhar atento sobre si mesmos: sua historicidade, simbolismos, ritos, crenças, costumes e tradições. E, numa perspectiva antropológica, favorecer a relação entre epistemologias, reconhecer que todo modo de vida já resulta em identidades pautadas na lógica de sua cultura, por fim, evidenciar a reprodução sociocultural dos saberes que vem sendo transmitidos por gerações.

Filipe Maciel e Sandra Amaral



Vale do Jequitinhonha



Capelinha *(parte 1)*

A arte do artesanato!

Capelinha é um município de Minas Gerais, localizado na mesorregião do Jequitinhonha, com uma população estimada em 38.321 habitantes, inseridos nos biomas de Cerrado e Mata Atlântica¹. Buscamos apresentar esse município através da artesã Vicencia Linz Magalhães e do artesanato, uma tradição cultural muito importante para os capelinhenses.

“Me chamo Vicencia, sou casada, tenho quatro filhos e quatro netos, é uma alegria imensa ter essa grande família. Tenho 70 anos, muito chão percorrido, viu! Sou natural de Veredinha e moro em Capelinha há cinquenta anos. Sou artesã, uma profissão que iniciei por necessidade (...) família grande, tinha que ajudar a botar comida dentro de casa de alguma forma. E foi assim que iniciei nesse ramo.

Era nova, e foi se tornando minha profissão e minha verdadeira paixão. Aprendi a fazer crochê e tricô, gostei muito, e fui buscando por mais conhecimento. Na época, havia mais pessoas que realizavam o artesanato, então era um pouco mais fácil de se buscar conhecimento. Aprendi logo depois o bordado, depois a reciclar, e vários outros tipos de artesanato (...). Posso dizer que o artesanato, a arte em si, não vai te gerar riquezas. Até mesmo para começar a ganhar dinheiro neste ramo, demora um pouco. Mas sem sombra de dúvidas, digo com toda clareza, que a arte (...) ao fazer qualquer tipo de artesanato (...) me dava mais alegria, tirava um pouco do estresse, basicamente era a minha terapia cotidiana. É uma forma de deixar a vida mais leve (...).” (Vicencia Linz Magalhães).

Alfredho Alves de Oliveira Salvador
Geycy Kelly Alves dos Santos
Jhonni Araújo Borges
Maria Clara Cornélio Luz



Imagem 01: Vicencia ao lado de algumas de suas obras (2021)
Foto: Geycy Kelly Alves

¹ IBGE-Cidades. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/capelinha/panorama>.



As artesãs enriquecem a identidade cultural do município e, para a reprodução de sua tradição, apresentam toda uma organização social para manutenção deste saber.

“Temos uma associação que é destinada a todos que queiram aprender, desde crianças, adolescentes, todos que queiram se envolver. Infelizmente não temos condições financeiras para se ter uma estrutura adequada ou até mesmo para suprir com matérias de aprendizagem, o que torna difícil levar o conhecimento a outros.” (Vicencia Linz Magalhães).

Imagem 02: Tricôs e bordados de Vincencia (2021)
Foto: Geycy Kelly Alves

Desta forma, a artesã manifesta que, apesar da natureza de amor pelo trabalho e busca pela reprodução cultural deste conhecimento, existe também uma perspectiva de resistência e luta pela valorização e manutenção do artesanato. Nesse sentido, Vicencia expressa sua percepção sobre a falta da sensibilidade para o trabalho com a arte e a preocupação sobre a condição da juventude:

“Já tivemos um projeto incentivado pela prefeitura, que durou seus breves 6 anos, para crianças, adolescentes e idosos (...) um tempo muito bom, onde pude notar que essa geração nova, os jovens, não querem mais carregar essa cultura. Com tanta tecnologia, deixam de lado essa arte, que já é passada há diversas gerações. Pois a arte, como todas as outras profissões, exige tempo, dedicação e paixão, e hoje, a todo momento, todos parecem estar com pressa, não percebem os pequenos detalhes e a graça de estar vivo, o amor, a família, tudo ao nosso redor.” (Vicencia Linz Magalhães).



Imagem 03: Brinquedos artesanais infantis (2021)
Foto: Geycy Kelly Alves



Imagem 04: Cavaleiro, artesanato em argila (2021)
Foto: Geycy Kelly Alves

A busca por uma relação sustentável e de cuidado com a natureza, fonte de inspiração e matéria prima, é percebida na preocupação sobre a extração e aquisição de materiais para trabalho.

“Algumas de nossas matérias primas são compradas em armarinhos, não todas, como a argila e a fibra. Nossa região é muito rica nestas fontes, adquirimos de forma que não atinja a mãe natureza.” (Vicencia Linz Magalhães).

Através do trabalho com a tradição do artesanato e da experiência de vida compartilhada por Vicencia, ressaltamos a importância social e o valor das artesãs em Capelinha. Compreendemos, portanto, que esta expressão cultural envolve arte, inspiração, história, amor, conexão com a natureza, dedicação, economia, troca de saberes entre gerações, saúde mental e qualidade de vida.



Imagem 05: Artesanatos em argila (2021)
Foto: Geycy Kelly Alves

Além disso, há também um movimento de resistência pela manutenção e valorização deste ofício, que se relaciona ao senso de pertencimento e função na sociedade, sendo identificado na vinculação do artesanato com outras dimensões da produção cultural, como informa a própria entrevistada:

“Posso dizer que a cultura não está só no artesanato: eu faço parte da casa da cultura, aonde temos música, comidas típicas, e diversas outras maneiras de trazer um pouco nossas origens para que nossa história, nossa cultura, nunca se apaguem.”
(Vicencia Linz Magalhães).



Imagem 06: Algumas obras em exposição na loja (2021)
Foto: Geycy Kelly Alves



“Em última palavra, gostaria de deixar essa deixa, o artesanato é uma arteterapia, onde consegui enriquecer minha mente, meu coração, aprendi e vivi muita coisa através deste meio, e que sempre haverá alguém para passar essa história adiante.”
(Vicencia Linz Magalhães)

Imagem 07: Entrada da loja de artesanato (2021)
Foto: Geycy Kelly Alves

Capelinha *(parte 2)*

Maravilhas do Vale do Jequitinhonha!

As maravilhas de Capelinha serão apresentadas por Valdeir Guedes, que demonstra muito orgulho de sua origem rural e amor por sua cidade natal e toda região do Vale do Jequitinhonha.

As tradições revelam saberes e os sabores expressam uma relação profundamente rica com a alimentação. A prática de feiras é comum na região, sendo um ambiente cultural, comercial e de socialização que, assim como outras atividades, foram impactadas pela pandemia do Covid-19.

“Em relação à feira cultural, tivemos uma perda muito grande por causa desse momento de pandemia. Mas é um dos símbolos da cidade. Eu como capelinhense admiro muito e gosto muito da feira. Principalmente porque lá têm pessoas que são trabalhadoras, pessoas que dão a vida, que tiram a sobrevivência dali. E além disso, os produtos são naturais!” (Valdeir Guedes).



Imagem 08: Feira tradicional de Capelinha-MG
Foto: Site Aconteceu no Vale²

Valdeir ressaltou ainda a famosa pinga com mel, produzida com grande variedade de sabores, principalmente na região do São Caetano, e também a importância da cultura do café:

“Plantamos um pezinho e depois colhemos, torraramos, moemos e tomamos com um biscoitinho caseiro (risos). Eu lembro muito bem da minha vó pegando e torrando, batendo-o no pilão... A região tem muito disso, o artesanato em si. E o artesanato que tem no galpão cultural.” (Valdeir Guedes).

² SITE. Aconteceu no Vale. Feira tradicional de Capelinha-MG, set. 2019. Disponível em: <https://aconteceunovale.com.br/porta1/?tag=feira-livre-de-capelinha>

Valdeir destaca também a festa mais conhecida da região:

“A Festa do Capelinhense Ausente é um dos maiores símbolos da cidade. Mesmo estando frio, a gente sempre está lá prestigiando a festa e é um ambiente espetacular. A festa começou com uma tradição, a cidade tem o café como uma das principais rendas da cidade, e no mês de julho eles resolveram comemorar a colheita do café, e foi assim que a festa virou tradição.” (Valdeir Guedes).



Imagem 10: Valdeir Guedes
Foto: Acervo pessoal

Valdeir compartilhou uma visão interna e experiência própria de vida, envolvendo inclusive a importância de seu vínculo com o IFMG-SJE. Ele morou na zona rural até os 12 anos, quando se mudou para a zona urbana de Capelinha. Aos 16 anos mudou-se para Belo Horizonte, onde morou por cerca de 3 anos. Através do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) ingressou na 1ª turma do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, indo residir em São João Evangelista/MG, e evidencia assim a contribuição do *campus* São João Evangelista em sua vida. Ele deixa uma mensagem para aqueles que desejam passar pela instituição:



Imagem 09: 30ª Festa do Capelinhense Ausente
Foto: César Paranhos³

“É uma oportunidade incrível! Vale a pena o esforço e vale o tempo destinado aos estudos. O ensino superior está sendo um divisor de águas na minha vida, tanto profissionalmente quanto pessoalmente. Aprendi muita coisa ali que não está apenas na grade, como uma disciplina. Coisas que eu vou levar para sempre para minha vida, como biólogo e como professor. Então, a mensagem que eu deixo é que vale sim a pena, vale o esforço, vale sim. Vamos tentar da forma que for possível e depois a gente vai ser recompensado por isso, com certeza!” (Valdeir Guedes).

³ SITE. Aconteceu no Vale. **30ª Festa do Capelinhense Ausente**. Foto de César Paranhos. Parque lotado durante apresentação de Henrique e Juliano, jul. 2016. Disponível em: <https://aconteceunovale.com.br/portal/?p=92703>

Apresentamos ainda as maravilhas capturadas na região pelo olhar e pelas lentes de Valdeir Guedes.



Imagem 11: Abelhas polinizadoras
Foto: Valdeir Guedes



Imagem 12: Abelhas polinizadoras
Foto: Valdeir Guedes



Imagem 13: Abelha
Foto: Valdeir Guedes



Imagem 14: Lagarto do mato
Foto: Valdeir Guedes



Imagem 15: Aranha produzindo sua Teia
Foto: Valdeir Guedes



Imagem 16: Tucano segurando um tomate pelo bico
Foto: Valdeir Guedes

Diamantina

Eliel de Almeida dos Reis
Fernando Wesley Leite
Rayane Pimenta de Campos

Cidade de tradição e muitas belezas

A cidade impressiona pelas suas belezas e tradições preservadas! Quem nos conta parte desta história é Luciana Vial, Coordenadora de Patrimônio Cultural.

Segundo ela, Diamantina, com seus 300 anos de história, impressiona pela sua conservação patrimonial, cultural e acervo, que conta belas histórias de personagens e da vida de seu povo. Com eventos culturais, religiosos e artísticos, o seu centro histórico torna-se palco de várias apresentações, em destaque as festas religiosas que compõem a conservação das tradições culturais.

Semana Santa

A Semana Santa é um evento que atrai pessoas do mundo inteiro com a beleza das apresentações teatrais e a Guarda Romana que sai na Sexta-Feira Santa na parte da manhã, acompanhando a via sacra, e à noite, na procissão

do enterro, também ao som do canto da Maria Beú, ambos tombados como Patrimônio Cultural da Humanidade.



Imagens 17, 18 e 19: Semana Santa
Foto: Acervo SECTUR Diamantina⁴

⁴ SECTUR. Acervo da Secretaria de Cultura, Turismo e Patrimônio de Diamantina, cedido por Luciana Vial.

Festa do Rosário

A Festa do Rosário é outro grande evento religioso que conta a riqueza da cultura e história da força e da superação negra, tanto do homem quanto da mulher, desde o século XVIII. Compondo o cenário, observa-se a quantidade de detalhes nas vestimentas e adornos da época da escravidão presentes nesta festa. Tudo isso evidencia a contribuição da Cultura Negra na construção dos costumes e tradições de Diamantina.

Festa do Divino

A Festa do Divino é bem tradicional e característica da cidade, representando a época do Brasil Colônia, mostrando o poder e a riqueza em personagens com vestes e adornos luxuosos e imponentes do Império. Estes elementos evidenciam origens europeias e sua relação com a construção das tradições da cidade.



Imagens 20, 21 e 22: Festa do Divino
Foto: Acervo SECTUR Diamantina



Imagens 23 e 24: Festa do Divino
Foto: Acervo SECTUR Diamantina

Vesperata

Um dos eventos artísticos mais populares de Diamantina, que atraem pessoas do mundo todo, é a tradicional Vesperata. O evento consiste na união de duas bandas sinfônicas da cidade para realização de um concerto ao ar livre. Neste evento, os músicos se posicionam nas sacadas dos casarões da Rua da Quitanda, proporcionando ao visitante um belíssimo show de música clássica com um variado repertório e uma acústica emocionante.

Imagem 25: Vesperata
Foto: Acervo SECTUR Diamantina



Imagem 26: Cachoeira das Fadas (2000)
Foto: Fernando W. Leite



Imagem 27: Gruta do Sátilite
Foto: Fernando W. Leite

Toda esta beleza tem sido registrada ao longo dos anos por vários fotógrafos. Um deles é Fernando W. Leite, que compartilhou conosco fotos autorais, suas primeiras experiências no processo de revelação.

Luciana Vial lembra ainda que, por ser cercada de uma bela cadeia de montanhas, Diamantina oferece um cenário único de belezas naturais, lindas cachoeiras e lugares de visita nos quais se pode viver um pouco da história e desfrutar da grandeza desse lugar.



Imagem 28: Cachoeira dos Cristais (2000)
Foto: Fernando W. Leite

Natural de Diamantina, Fernando teve seu primeiro contato com a fotografia em 1995, quando tinha 13 anos. Começou a trabalhar como ajudante, mas os equipamentos fotográficos, câmeras e o processo de revelação despertaram sua curiosidade. Na época, a revelação era manual, feita em câmaras escuras com ampliadores e bacias de químicos. As máquinas fotográficas utilizavam filmes com a cobertura de gelatina à base de prata, que recebia a luz pelo diafragma da lente, com intensidade controlada pelo obturador, permitindo a gravação da imagem no filme.

Ele permaneceu na profissão por 11 anos e guarda até hoje alguns dos equipamentos que adquiriu. Para ele, a fotografia por si só já conta a história, revela os modos de vestir, a expressão de sentimentos, as marcas de uma vida sofrida impressa no rosto.



Imagem 30: Gruta do Satélite
Foto: Fernando W. Leite



Imagem 29: Equipamento fotográfico do acervo de Fernando
Foto: Fernando W. Leite



Imagem 32: Praça Conselheiro Mata
Foto: Fernando W. Leite

Minas Novas

Fé e cultura no Vale do Jequitinhonha!

O vale do Jequitinhonha é dividido em três microrregiões: baixo (microrregião de Almenara), médio (regiões de Pedra Azul e Araçuaí, do qual faz parte Minas Novas) e alto (microrregiões de Diamantina e Capelinha), todas elas carregadas de uma historicidade própria, marcada por diversas tradições e uma forte herança indígena e afro-brasileira.

As manifestações religiosas representam uma das principais expressões culturais de Minas Novas. A celebração de Nossa Sra. do Rosário dos Homens Pretos acontece há mais de 200 anos.

De acordo com os dados do IBGE⁵, estima-se que a Igreja Nossa Senhora Rosário, que foi tombada como patrimônio histórico em 2007 por sua importância cultural, é datada do final do século XVIII e início do XIX, construída pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Existem dados históricos que indicam que, por volta de 1727, um grupo de bandeirantes chefiado por Sebastião Leme do Prado, localizou ouro em um dos afluentes do Rio Fanado, fazendo a vila prosperar rapidamente. Porém, o tempo de prosperidade foi relativamente curto, ocorrendo gradativo esvaziamento populacional à medida que foram se esgotando as reservas auríferas e de pedras preciosas.

Imagens 33 e 34: Igreja Nossa Senhora Rosário (externa e interna)
Foto: iPatrimônio⁶

Bruno Fernandes de Oliveira
Maria Eduarda Magalhães
Maria José Pirondi Pinto de Almeida
Maria Luiza Rodrigues Paranhos
Roanne Waleska Vieira Gomes



⁵ IBGE. Minas Novas – MG. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/minas-novas/historico>

⁶ SITE. IPatrimônio. Minas Novas - Igreja Nossa Senhora Rosário. Disponível em: <http://www.ipatrimonio.org/minas-novas-igreja-nossa-senhora-rosario/>

A Festa de Nossa Senhora do Rosário acontece na segunda quinzena do mês de junho, momento no qual o município e seus fiéis expressam a fé e a religiosidade do povo minasnovense. Para dar início a festividade, que dura 14 dias, é realizada a lavação da Igreja do Rosário: os fiéis transportam água do rio Fanado até o local. A “busca da Santa” no rio é inclusive uma das grandes atrações da festa, simbolizando a aparição da imagem, uma vez que há uma crença local que lá foi encontrada uma imagem da santa por garimpeiros negros no século XVIII⁷.



Imagem 36: Transporte da água do rio Fanado para lavação da Igreja do Rosário
Foto: Print do Canal Futura⁸

Esta complexa tradição é praticada com vestimentas, musicalidade e danças próprias, representando uma resistência cultural de uma ritualística afro-brasileira aliada ao catolicismo popular. Em entrevista ao Canal Futura (2015)⁸, o historiador minasnovense afirma:

“A ideia é reverenciar os antepassados, a ideia é valorizar as tradições e a história, porque a festa aqui é baseada no ciclo dos congos, e muito também nas festas de Ogum, que é o ciclo ritualístico das festas afro-brasileiras. Você traz da África suas crenças, mas você entrelaça estas crenças no que a gente chama de sincretismo religioso.”
(José Henrique Barbosa).



Imagem 35: “Buscada da Santa” no rio Fanado
Foto: Rádio Turmalina⁹



Imagem 37: Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos
Foto: Rádio Bom Sucesso¹⁰

⁷ SITE. Aconteceu no Vale. **Festa do Rosário de Minas novas começa com lavação da igreja e quinta do angu.** Jun. 2015. Disponível em: <https://aconteceunovale.com.br/portal/?p=60993>

⁸ YOUTUBE. **Canal Futura.** Viva Nossa Senhora do Rosário! Sala de Notícias. Vídeo (12min46seg), out. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dxBTnyxnqzs>

⁹ BLOG. Rádio Turmalina. **Fiéis se concentram no rio Fanado.** 2010. Disponível em: <http://radioturmalina.blogspot.com/2010/09/encontro-cultural-festa-do-rosario-dos.html>

¹⁰ SITE. **Rádio Bom Sucesso.** Minas Novas se prepara para a Festa do Rosário, jun.2018. Disponível em: <https://radiobomsucesso.com.br/2018/06/minas-novas-se-prepara-para-a-festa-do-rosario-2018/>

Além das belezas naturais, um rico patrimônio histórico-cultural

Assim como em outras várias cidades mineiras, Serro tem sua origem vinculada ao garimpo do início do século XVIII estando, segundo Joyce Emanuelle Costa Pinto, condutora de turismo da cidade, relacionada aos achados do ouro de aluvião (encontrado nas margens dos rios). Joyce afirma ser possível conhecer os detalhes do Serro por meio das páginas escritas por Dario Augusto da Silva, Maria Eremita de Souza, Joaquim de Salles dentre outros autores, assim como pelos registros dos historiadores Danilo Arnaldo Briskievicz e Zara Simões. Também através de seu povo, que traz as memórias das histórias que vivenciaram ou ouviram de seus antepassados: afinal, são mais de 300 anos de história!



O que dizer do Serro:

“É considerada a Terra do Queijo, como resultado da reação da cultura secular de um povo, que mantém a forma e os saberes de fazer o nosso produto mais famoso. Mas também é terra de mil poesias, de notas de canto e de banda, de congado e de fé, e tem um povo que trança a taquara e o fio, molda a pedra, o papel, o barro, o convívio e guarda memórias... Cidade tricentenária que no período colonial foi sede de Comarca. Até hoje atrai visitantes que buscam conhecer suas histórias e vivenciar a cultura de seu povo. Conhecer suas igrejas, casarões, praças, museus, fazendas de produção de queijo, a produção de artesanato, suas tradições culturais e religiosas, seja na Semana Santa, na Festa do Rosário, no toque, no canto e na dança dos grupos de congado, nas notas da centenária banda de música ou no degustar do queijo, das quitandas, das comidas típicas e do pastel folhado.” (Joyce E. C. Pinto).

Imagem 38: Joyce como mestre de bateria da Bateria Mirim do Bloco Vai Quem Quer
Foto: Acervo de Joyce Emanuelle Costa Pinto

Neta da saudosa Laura Moreira (*in memoriam*), fundadora do Bloco “Vai Quem Quer” que há 44 anos faz os tradicionais desfiles carnavalescos pelas ruas serranas, Joyce relata que desde pequena via sua avó contribuindo para as tradições e contando suas experiências, seja no carnaval, na música ou na religiosidade.

Joyce fala ainda de sua ligação com a história e cultura do Serro, do gosto que sente em contar sobre o berço histórico, tradições, cultura, religiosidade, culinária e artesanato.

Festas carregadas de cultura e religiosidade é o que não faltam, segundo Gisele Aparecida da Silva, moradora “nascida e criada” no Serro:

“Não posso deixar de falar da maravilhosa festa do Rosário, muito famosa na cidade, que arrasta muitos turistas e devotos... Relembrando uma cultura que vem desde os escravos, conforme reza a lenda, no dia dedicado a Nossa Senhora do Rosário, reúnem-se Marujos (Comandante, Contramestre, Capitão de Mar e Guerra, Embaixador, Pilotos e Doutor), Caboclos (índios), e Catopés (escravos) com seus trajes ilustres, entram na igreja para tirar a Santa e apresentar aos fiéis do lado de fora, mas os únicos que realizam tal proeza são os Catopés, em sua simplicidade de instrumentos e vestimenta. Dentre os Caboclos, hoje com 74 anos, tem o Sr. Nelson (que conta esta história), ele faz parte desse grupo de dança desde criança, sendo mestre por vários anos.”
(Gisele A. da Silva).

Imagem 40: Festa de Nossa Senhora do Rosario
Foto: Acervo de Joyce Emanuelle Costa Pinto



Imagem 39: Laura Moreira
Foto: Acervo de Joyce Emanuelle Costa Pinto



Gisele lembra que Serro passou a ser protegido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1938, destaca-se o registro como Patrimônio Cultural Imaterial do modo artesanal de se fazer o queijo de Minas. Fala de suas lembranças: encontros com as amigas nos fins de semana, após as missas de domingo, na praça central onde sempre reunia; a Casa do Barão de Diamantina, conhecido como “Ginásio”, atual Escola Estadual Ministro Edmundo Lins onde concluiu o ensino médio; a Igreja do Carmo e os encontros de jovens aos sábados; a escadaria da Igreja Santa Rita, onde até hoje famílias se reúnem no domingo à tarde para apreciar uma bela vista da cidade, uma experiência de transmite paz e tranquilidade, possível de se sentir em poucos lugares.

Imagem 42: Praça central e, ao fundo, Igreja de N. S. do Carmo
Foto: Acervo de Joyce Emanuelle Costa Pinto



Imagem 43: Casa do Barão de Diamantina, atual Escola Estadual
Foto: Acervo de Joyce Emanuelle Costa Pinto



Imagem 41: Praça central da cidade ao fundo a Famosa escadaria da igreja de Santa Rita de Cassi
Foto: Acervo de Joyce Emanuelle Costa Pinto



Imagem 44: Igreja Matriz de N.S. da Conceição (esquerda) e Casa do General Carneiro, Escritório Técnico do IPHAN
Foto: Acervo de Joyce Emanuelle Costa Pinto

Maria Eremita de Souza (1913-2003)

Briskievicz (2021)¹¹ conta que Donatila Augusta de Sousa, mãe solteira, deu à luz Maria Eremita na madrugada de um sábado (30 de agosto de 1913). O parto foi realizado no hospital da cidade “Casa Da Caridade Santa Tereza” que era dirigido pelas filhas de São Vicente de Paulo, que também administrava o Colégio Nossa Sra. da Conceição. Elas (mãe e filha) receberam a proteção das Irmãs Vicentinas e do Capelão do hospital, o padre João Moreira de Carvalho.

Na época, mães solteiras eram normalmente expulsas de casa, por sujar o nome da família, mas não foi o caso de Donatila, como conta Briskievicz (2021): ela não se permitiu ao ritual moralista do abandono, fazendo jus à fama das mulheres negras de força e poder espiritual. Ao contrário, ela levantou a cabeça, colocou a filha no colo e continuou a trabalhar para sustentar a si e à filha. Foi obrigada a se afastar do sacramento da comunhão (ritual da Igreja Católica), mas passou para sua filha durante toda a vida a devoção religiosa popular e levou-a ao catecismo. A mãe de Maria Eremita sabia que uma das formas de resistência das pessoas submetidas à escravidão eram as festas populares religiosas, em que se podiam quebrar as regras da convivência social.

Segundo Briskievicz (2021), Maria Eremita teve uma vida escolar atípica. Aprendeu a ler sozinha. Frequentou durante poucos meses as aulas de catecismo e alfabetização de Siá Rogéria. Fez sua primeira comunhão na Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Por volta de 1920 foi matriculada na única escola da cidade, o Grupo Escolar Dr. João Pinheiro, cursando o 1º e 2º anos. As aulas eram no enorme prédio onde hoje funcionam a Prefeitura Municipal e a Câmara dos Vereadores.



Imagem 45: Maria Eremita
Foto: produção gráfica de Arlen Cristian Martins Araújo

Maria Eremita enfrentou os desafios pessoais e sociais de seu tempo, como mulher, como negra e como filha de mãe solteira, mas se tornou a maior autoridade em história e cultura do local, sendo reconhecida como uma das personalidades que marcaram a região do Serro durante o século XX. Seja como professora, diretora escolar e inspetora de ensino, ou ainda como proprietária de um grande arquivo histórico pessoal, em sua trajetória presidiu a Casa de Cultura, a Câmara de Vereadores do Serro e nos deixou a obra “Aconteceu no Serro”. Foi sepultada em 10 de julho de 2003 na Igreja do Rosário dos Homens Pretos, mesmo mausoléu de sua mãe, que conquistou esta honra por ter sido rainha do Rosário.

¹¹ BRISKIEVICZ, Danilo Arnaldo. **Mulher negra, professora e historiadora:** a atuação de Maria Eremita de Souza no Serro/MG, 1913 a 2003. Cad. Pagu (61), 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/NjhPbqxgHsbNpn9wGx7g7xP/?lang=pt>.



Vale do Rio Doce

Santa Nossa Senhora Da Conceição



A singela e linda cidade de Cantagalo abriga, na Avenida Peçanha, a imagem da Santa Nossa Senhora Da Conceição, que foi restaurada recentemente. Em comemoração, realizou-se uma missa no início de 2021, respeitando os protocolos impostos pela pandemia do Covid-19.

A imagem trouxe uma melhoria para o local onde se encontra, que virou ponto de encontro de amigos e casais apaixonados, mas é sobretudo um grande sinal de devoção e fé. Segundo Aleixo (2018)¹², 8 de dezembro foi definido como dia da Festa da Imaculada Conceição em 1476 pelo Papa Sisto IV, estabelecendo assim um forte indício da crença da Igreja na Imaculada Conceição. Em 1854, o Papa Pio IX definiu oficialmente o dogma da Santa e Imaculada Concepção de Maria.

Imagem 47: Cena noturna da imagem de Nossa Sra. Da Conceição na Av. Peçanha em Cantagalo (2021)
Foto: Silvânia Silva Barbosa



Imagem 46: Nossa Sra. Da Conceição, Cantagalo (2021)
Foto: Silvânia Silva Barbosa

¹² ALEIXO, Kamila. Arquidiocese de Brasília. Paróquias se preparam para festejos em honra a Nossa Senhora da Conceição. Nov./2018. Disponível em: <https://arqbrasil.com.br/paroquias-se-preparam-para-festejos-em-honra-a-nossa-senhora-da-conceicao/>.

Quitandas e Requeijões da Josiele

Para adoçar a vida e alimentar o corpo, em Cantagalo podemos encontrar as quitandas e requeijões da Josiele, que aprendeu a fazer as suas receitas com sua mãe. A quitandeira mora em Cantagalo há 5 anos, mas começou a produzir e comercializar estas gostosuras há 3 anos, quando sua mãe adoeceu e iniciou um tratamento, precisando parar com tal labor. Hoje as duas celebram juntas a vida e o sucesso das quitandas e requeijões.



Imagem 49: Rosquinha de Nata e Biscoito de Goma
Foto: Silvânia Silva Barbosa

Com produção caseira, Josiele atende quem lá chega, passa nas casas oferecendo requeijão e também produz por encomenda. A variedade é grande: rosquinha de nata, biscoito de goma, doce seco de leite com amendoim, leite com coco e leite puro, doce mole de leite com mamão, doce de leite puro e doce de batata puro.

*“Quando vier para o lado de cá, não deixe de saborear!”
(Silvana S. Barbosa).*



Imagem 48: Requeijões da Josiele
Foto: Silvânia Silva Barbosa



Imagem 50: Doces duros e moles
Foto: Silvânia Silva Barbosa

Guanhães – Correntinho (parte 1)

Aqui se vê dados históricos e muito do “ouvi dizer” sobre nosso lugar!

O povoado de Santo Antônio, já com quase 100 anos de história, foi elevado a Vila e recebeu o nome de distrito de Correntinho em 1946, de acordo com o documento disponibilizado pela Escola Estadual “Tenente José Coelho da Rocha”, a única do distrito. O documento, datado de 1999, traz dados históricos e muito do que o Sr. Antônio Passos Neto (Toninho Natan) ouvi dizer deste pitoresco lugar.

Dentre os relatos, a história da própria escola que, a princípio, por volta de 1930, recebeu o nome de Escola Mista de Santo Antônio por causa dos diversos ranchos de tropas que faziam parte do núcleo escolar. Depois passou a se chamar Reunidas de Santo Antônio e, posteriormente, Escolas Reunidas de Correntinho.

O nome atual foi dado nos idos de 1968, acredita-se que por indicação de alguém de Guanhões, no intuito de homenagear suas origens.



Imagem 52: Escola do distrito em 1940
Fonte: Acervo da E. E. “Tenente José Coelho da Rocha”



Imagem 51: Documento redigido e assinado por Antônio Passos Neto
Fonte: Acervo da E. E. “Tenente José Coelho da Rocha”

No governo Newton Cardoso, a escola promoveu por três anos formação de segundo grau, tendo uma turma de formandos no magistério, mas depois o curso voltou para o Colégio Odilon Behrens de Guanhões. O prédio atual da escola foi construído no Governo Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Segundo o documento, a primeira escola, cuja primeira professora foi D. Maria Estael de Araújo, funcionou num barraco de esteiras de taquaras. Estima-se que neste local, há cerca de 160 anos, foi celebrada a primeira missa da região. A primeira grande Igreja de Santo Antônio foi construída cerca de 20 anos depois. Por volta de 1935, Monsenhor Pinheiro anunciou na missa de domingo que, naquele dia, o Correio ia inaugurar o telefone e todos os fiéis foram para a porta do Correio ver “o trem” funcionar e falar.

Dentre as festas religiosas tradicionais, destacam-se: São Sebastião (janeiro), São José (março), o padroeiro Santo Antônio (junho) e Nossa Senhora Aparecida (outubro).

Imagem 53: A esquerda, D. Maria Estael de Araújo (1919)
Fonte: Acervo da E. E. “Tenente José Coelho da Rocha”



Imagem 54: Igreja de Correntinho (1980)
Fonte: Acervo da família Natan Passos Neto



Imagem 55: Procissão do padroeiro Santo Antônio (1980)
Fonte: Acervo da família Natan Passos Neto



Conforme relata Toninho Natan, há similaridade entre as histórias do povoado de Santo Antônio e Guanhães, uma vez que o desenvolvimento de ambas está relacionado com a exploração do ouro. Neste sentido, Correntinho se ampliou por ser estrada das tropas que vinham de Peçanha (uma das mais antigas cidades da região).

Marcada por uma descida que passava pelo córrego da Miséria (que aparentemente recebeu este nome por ser um trecho longo, árido e seco, onde só se via cupins e nada para comprar, nem comer) a estrada seguia em direção a São Miguel e Almas (Guanhães), escoando assim a pouca riqueza da região nos lombos de burros, jumentos e cavalos, comandados pelos tropeiros e liderados por um “cavalo madrinha com o cincerro no pescoço”. Dentre os ranchos de tropas, o “Rancho do Sr. Emidinho”, do avô de Toninho Natan, que além de pensão, tinha cortiço e selaria para reforma das montarias.

Em meados da década de 50, o Sr. Emidio Passos Netto (Emidinho) passou de seleiro a segundo escrivão, função que exerceu até os 100 anos, quando se aposentou.

Imagem 56: Sr. Emidio Passos Netto comemorando 100 anos de idade (1978)

Fonte: Acervo da família Natan Passos Neto



Imagem 57: Rancho de Sr. Ediminho (1979)

Fonte: Acervo da família Natan Passos Neto



Imagem 58: Rua principal de Correntinho (1979)

Fonte: Acervo da família Natan Passos Neto



Imagem 59: Sr. Natan da família Natanel Neto (1950)

Fonte: Acervo da família Natan Passos Neto

Na década de 80, foi construído o Centro Comunitário de Correntinho, onde funcionam hoje o Posto de Saúde, o telefone comunitário, o Correio, o posto dentário e agora está se instalando a primeira Creche comunitária. Para o lazer, tem o Salão Paroquial, um bom time de futebol e um belo campo, que além dos jogos, foi sede de 7 Festivais da Laranja de Correntinho, de 1988 a 1994, ampliando a credibilidade do local e a qualidade de vida da comunidade.

De acordo com o documento, Correntinho não passou à categoria de cidade nas eleições de 1996 apenas por falta de interesse dos políticos da época, pois estava em melhores condições que outros distritos que foram emancipados. Cita-se como exemplo o fato de, na época, o vice-prefeito de Guanhães e dois vereadores na Câmara Municipal serem de Correntinho.

Dentre as preciosidades que compõem o acervo de fotos do Sr. Natan Passos Neto, pai de Toninho Natan, tem-se o registro da primeira jardineira do distrito, ônibus da época, de propriedade da família.

Imagem 60: Primeira jardineira (1955)

Fonte: Acervo da família Natan Passos Neto

No documento consta ainda que, em 1999, a Central telefônica atendia cerca de 60 telefones instalados, com DDD e DDI e serviços de FAX. O Cartório do Registro Civil e Notas já estava informatizado e iniciando o uso da Internet. O distrito estava ligado por asfalto à Virginópolis, São João Evangelista e Guanhães, dispondo de ótimas estradas vicinais, e aponta como significativo o crescimento dos serviços de ônibus aos municípios vizinhos, com cerca de 12 veículos circulando na região. Destaque para o serviço prestado pela empresa de ônibus Santa Terezinha, por refazer o caminho das tropas diariamente, indo de Divinolândia e Peçanha, passando por Virginópolis, Correntinho e São João Evangelista.



Imagem 61: Sr. Antônio Passos Neto, "Toninho Natan" (2019)

Fonte: Acervo da família Natan Passos Neto

Guanhães – Correntinho (parte 2)

Bruna Morbeck Lopes
Everton Vieira Santos
Hannah Iolte Miranda.
Thamiris da Silva Cruz

**A cultura é o maior patrimônio de uma sociedade.
Devemos preservar a nossa história!**

A História da Rapadura do Senhor Lafaete

O distrito de Correntinho, da cidade de Guanhães/MG, é cheio de histórias maravilhosas. Uma delas é a do Sr. Lafaete, que nos conta sobre a fabricação da rapadura, um alimento que faz parte da cultura de vários países, e que é produzido por sua família há várias gerações.



Imagem 62: Rapadura descansando na forma
Foto: Gildes Carvalho



Imagens 63 e 64: Engenho de moer cana
Foto: Gildes Carvalho

Lafaete Carvalho do Amaral nasceu em Correntinho em 1949. É o filho mais velho de 14 irmãos e, como sempre ajudava o pai nas tarefas diárias da zona rural, manteve a tradição familiar e tornou-se produtor de cana de açúcar e rapadura, profissão que exerce até hoje, aos 72 anos.

Por se tratar de um conhecimento que vem sendo passado de pai para filho, Sr. Lafaete se dedica a produzir há 40 anos a rapadura pura, conforme aprendeu com os ensinamentos do pai. Ao narrar sua experiência com este doce tradicional, explica que moer a cana de açúcar é o primeiro passo e que, quando era mais novo, seu pai usava o motor a cavalo, a energia era gerada pela força do animal. Mas hoje a tecnologia é outra, e para mover o engenho de modo a esmagar a cana de açúcar e obter o caldo, usa o motor a diesel ou álcool.



De acordo com o Sr. Lafaete, o bagaço que sobra da cana moída é carregado no carro de boi e é descartado em um local adequado.

Depois da cana de açúcar virar caldo, este passa por um tambor para evitar que o líquido vá para a tachá com impurezas, como insetos e terra.

Imagem 65: Bagaço na carroça
Foto: Gildes Carvalho

Outro detalhe importante destacado pelo Sr. Lafaete é que, no processo de transformação do caldo, usa a baba do quiabo ou o carrapicho para a mistura se tornar sólida. Só então o produto é peneirado e colocado na tachá, onde o Sr. Lafaete mexe por aproximadamente 4 horas com constância, sendo este o tempo de fervura da garapa até chegar ao ponto de melado, para virar a tachá na esteira, e depois na resfriadeira, que dará à rapadura seu formato quadrado.



Imagem 66: A tachá onde é realizada a fervura da garapa
Foto: Gildes Carvalho

Imagem 67: Porta do forno onde se coloca a madeira para a fornalha aquecer a tachá e ferver a garapa
Foto: Gildes Carvalho



As formas permanecem na resfriadeira por 3 a 4 horas, o que finaliza o processo. Falta só apreciar o gostinho de um doce que é feito somente com a cana de açúcar.

Quando perguntado sobre a produção diária, explica que depende muito da época: no mês de agosto, que tem menos chuva, a cana rende mais e produz 200 litros de garapa, que geram aproximadamente 30 rapaduras. Já em outros meses do ano, com chuvas constantes, a garapa dá mais água, então a mesma quantidade de 200 litros produz umas 22 rapaduras.

Imagens 68, 69 e 70: Esteira, carrinho e resfriadeira
Foto: Gildes Carvalho



Imagem 71 a 76: Processo de despejo da massa na consistência adequada para ser modelada na forma
Foto: Prints do vídeo produzido por Everton Santos

Guanhães - Serra do Candonga

Ademir Pimenta da Silva
Carlos Henrique Silva Pereira
Lívia Aparecida Nascimento de Miranda
Maria Vitória Ferreira Rodrigues
Veronice Karla da Cunha

Bom demais, melhor não tem! Comemos tilápia assada no chão.

O Parque Estadual Serra do Candonga, localizado em Guanhães/MG, foi criado pelo decreto nº 40.170/1998¹³ e está sob administração do Instituto Estadual de Florestas (IEF):

“(...) está situado em área de domínio da Mata Atlântica. O relevo é suavemente ondulado. (...) abriga cerca de 20 nascentes de cursos d'água, que formam os córregos Barra Mansa, Barreira e Conquista. Além das oito represas construídas, existem nos cursos d'água que cortam as propriedades, cachoeiras e corredeiras naturais. Sucupira, jacarandá, ipê, braúna, quaresmeira, peroba-rosa, canela (...), dentre outros, podem ser identificados no local e integram a cobertura vegetal arbórea nativa. A fauna local é composta de macacos, mão-pelada, quati, lontra, paca, capivara, tatu, veado, caititu, além de aves como jacu, sabiá, João-de-barro, trinca-ferro, curió, seriema, inhambu, bem-te-vi, gavião, coleira, coruja, dentre outros. Além disso, encontram-se na região várias espécies ameaçadas de extinção, como a onça-pintada, o lobo-guará e o tamanduá-bandeira.” (IEF¹⁵).



Imagem 77: Casarão da Fazenda Candonga (2015)
Foto: Página Folha de Guanhães no Facebook¹⁴

Em julho de 2010, um grupo de indígenas Pataxó, vindos da Fazenda Guarani em Carmésia/MG, sob liderança do cacique Patxohã, ocupou o Parque, reivindicando a área para moradia, plantio e proteção ambiental (UC, 2010¹⁶).

¹³ MINAS GERAIS. Decreto nº 40.170, de 17 de dezembro de 1998. Criação do Parque Estadual Serra da Candonga. Disponível em: <http://www.siam.mg.gov.br/sla/download.pdf?idNorma=1596>.

¹⁴ FACEBOOK. Jornal Folha de Guanhães. Fazenda Candonga poderá se tornar patrimônio estadual. 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/FolhaDeGuanhaes/photos/fazenda-candonga-poder%C3%A1-se-tornar/1023227274373550>.

¹⁵ SITE. Portal Meio Ambiente/MG. Instituto Estadual de Florestas (IEF). Disponível em: <http://www.ief.mg.gov.br/unidades-de-conservacao/208>.

¹⁶ SITE. UC: Unidade de Conservação no Brasil. Índios Pataxós invadem segundo parque em MG. 2010. Disponível em: <https://uc.socioambiental.org/pt-br/noticia/89313>.

Memórias da Família Cunha

Maria Luci da Silva Cunha, conhecida por Luci, foi ao Candonga com o grupo da terceira idade em 2018, e diz ter se surpreendido com a organização: tinha policiamento, carro da saúde e ambulância para atendimento caso alguém se sentisse mal ou fosse picado por cobra.

“Fomos em um dia de sábado às 8 horas da manhã e ficamos até às 4 horas da tarde; fomos muito bem recebidos. Quando chegamos lá, fomos recebidos numa porteira por um casal de índios: o índio recebia aos homens e a índia recebia as mulheres, os dois estavam com roupas da cultura deles. Os índios fizeram apresentação, dançaram para nós, fizeram uma corrida deles, jogaram flechas (...) uma manhã de apresentação e de vez em quando puxavam um de nós (...) e depois foi o nosso almoço.” (Maria Luci da S. Cunha).

Sra. Luci conta que lá tinham muitos indígenas, crianças e adultos, todos vestidos com saia de embira e pintados, e os visitantes que quisessem também poderiam se pintar. Disse que eles se comunicavam em português e que ela se sentiu muito bem recebida.

“Bom demais, melhor não tem (...) comemos tilápia assada no chão, eles colocam para assar no chão e depois tira tudo e coloca no estaleiro e pôs também uma costela de boi assada inteira em um estaleiro antigo.” (Maria Luci da S. Cunha).

Comentou que passeou um pouco na mata, mas que andou apenas um pedacinho, porque a mata era muito fechada. Na casa dos indígenas não entrou, mas deu para ver que era de sapé por cima e parede barreada; já no casarão ela entrou.



Imagem 78: Maria Luci da Silva Cunha, 63 anos (2021)
Foto: Veronice Cunha

“Vi o casarão, entrei lá, o casarão é antigo, bem velho mesmo, já não tem mais as portas, já caiu metade das paredes, tá amarrado para não cair, a parede é barreada, o chão é terra batida, o telhado é antigo também, e os índios não têm como reformar o casarão porque não têm dinheiro para isso, não têm dinheiro para restaurar porque a casa é muito grande, é casarão mesmo. Eu também vi lá o tronco onde eles amarravam os escravos para serem castigados numa casa mais afastada que é menor que o casarão mas é a mesma coisa do casarão, a parede é barreada e o telhado de sapê e também está caindo, e nenhuma das duas tem mobília, os índios falaram que quando eles foram morar lá já acharam daquele jeito.” (Maria Luci da S. Cunha).

Como lembrança, Sra. Luci levou para casa uma gamelinha e uma colher de pau, que guarda com carinho, além de copo e brincos que deu de presente para as filhas. Confessa que, se pudesse, ia sempre lá e que pretende voltar, porque foi gostoso demais. Garantiu que *“Quem for lá vai gostar!”*, e entre risos lembra, *“a gente nem queria sair de lá”*.

Imagem 79: Gamelinha e colher de pau
Foto: Veronice Cunha



Mas Sra. Luci, não é a única da família que nutre um carinho especial pelo lugar, sua neta Raissa Vitória Pereira da Cunha, que teve a oportunidade de visitar o Candonga ainda criança (11 anos) com o pai, fala de suas memórias e desejos:



Imagem 80: Raissa e seu pai em Candonga (2014)
Foto: Acervo de Raissa Vitória P. da Cunha

Imagem 81: Raissa aos 18 anos, com seu filho (2021)
Foto: Veronice Cunha

“Recebi o convite do meu pai que hoje, infelizmente, não está entre nós. Na época ele trabalhava no CRAS [Centro de Referência de Assistência Social] aqui de Guanhães, então ele me convidou (...), foi todo mundo do CRAS, (...) conhecer o Candonga. Chegando lá à gente viu, nossa, muita coisa legal, eles (os índios) dançam, eles estavam assando uma costela bem grande (...) e fizeram uma roda no meio em volta dela (a costela) e chamaram os convidados para se juntar a eles, e nisso a gente foi junto. (...) Eu gostei de ter ido, muito mesmo, se eu tiver uma oportunidade eu vou levar o meu filho para conhecer porque é uma coisa que meu pai me levou e eu quero levar o meu filho para ficar para história.”
(Raissa Vitória Pereira da Cunha).

Paulistas

Saberes que não podem se perder!

Amanda Cristina Aparecida Ricardo
Bruna Silva Santos
Gustavo Vinícius do Amaral
Josiane Mateus Ponciano
Naiele Pereira César



Imagem 82: Raimundo Zeferino de Pinho Carvalho, 69 anos (2021)
Foto: Josiane Mate

Raimundo Zeferino de Pinho Carvalho

Quem nos conta um pouco da história desta cidade é o Sr. Raimundo, nascido e residente em Paulistas e escrivão do Cartório. Em seu trabalho, faz uso de um envelope que demonstra o quando valoriza a história de sua cidade.



Imagem 83: Envelope usado no Cartório de Paz e Notas da cidade de Paulistas (2021)
Foto: Josiane Mateus

Sr. Raimundo começou seu relato lembrando que, dentre os municípios de Minas Gerais, Paulistas é o único cujo nome foi relacionado à origem dos bandeirantes que vieram de São Paulo para este lugar em busca de metal e ouro. Apaixonado pela história como é, pegou alguns livros e foi folheando-os enquanto conversava:

“A gente sabe a influência que os bandeirantes tiveram no desenvolvimento e surgimento de muitas cidades da região. Gilberto Freyre diz que “o bandeirantismo deu no Brasil o contorno atual de suas fronteiras, empurrando o antigo Meridiano de Tordesilhas até quase a Cordilheira dos Andes”, prova do seu domínio. Em uma de suas expedições, os bandeirantes passaram por uma fazenda onde hoje é a cidade Guanhães, depois seguiram para a atual cidade de Peçanha, de onde se encaminharam para um lugar conhecido como Ponte dos Paulistas, atual cidade de Paulistas, que tinha esse nome porque foi centro de grandes descobertas pelos bandeirantes.”
(Raimundo Z. de P. Carvalho).

Para nos falar sobre a passagem dos bandeirantes, cita o livro “Mata do Peçanha” de Demerval José Pimenta, e afirma:

“Ele descreve a passagem dos bandeirantes em nossa região, realizada em 1553 por Francisco Brusa Espinosa e também relata a importância do descobrimento de sertões e de catequizar os indígenas que neles residem. Ele havia trabalhado no Peru, era experiente em descobrir minerais, sendo contratado pelo governador para organizar uma expedição a fim de procurar as esmeraldas, nos sertões indicados pelos indígenas. A segunda expedição realizada por Sebastião Fernandes de Tourinho passou por nossa região em 1973, começando seu roteiro na costa marítima do Rio Doce, a fim de subir para encontrar as cobiçadas esmeraldas. A terceira foi realizada por Marcos de Azeredo Coutinho, que encontra o primeiro diamante no rio Suaçuí Grande, que começa em Paulistas, formado pelos Rios Turvo, Cocaís e Vermelho. A última expedição foi realizada por Fernão Dias Paes Leme, que percorreu o sul de Minas, adentrando a região de Serro, descendo o Rio Vermelho e chegando em Paulistas, onde desagua o rio Vermelho e havia sido encontrado em 1612 o primeiro diamante do Brasil pelo bandeirante Marcos de Azeredo Coutinho, onde foi construída a ponte dos Paulistas.” (Raimundo Z. de P. Carvalho).



Imagem 84: Ponte dos Paulistas (antigamente – data desconhecida)
Foto: Acervo de Raimundo Z. de P. Carvalho



Imagem 85: Ponte dos Paulistas (2021)
Foto: Josiane Mateus

Sebastião Divino da Silva

O Sr. Sebastião residente em Paulistas há 43 anos, veio nos contar um pouco sobre a dança do Caboclinho, da qual participava ainda antes de lá morar.

“Eu comecei a dançar Caboclinho no Salema (zona rural), depois me mudei pra Paulistas e comecei a participar do grupo no qual estou até hoje. Para a apresentação são 24 pessoas, entre essas os instrumentistas, os caboclinhos que ficam com as flexas, os que trançam a fita, o boi, o Rogério e a Rogéria. Os instrumentos são: caixa, sanfona, reco-reco, cuíca e as flexas.” (Sebastião D. Silva)

Há alguns anos, Sr. Sebastião se tornou contra chefe e atualmente é chefe na estrutura hierárquica dos Caboclinhos. Conta que o grupo é formado por pessoas de todas as idades, crianças, homens e mulheres, mas estão com as atividades suspensas por causa da pandemia. Lembra com saudade que o grupo ia onde fosse chamado, se apresentava nas ordenações de bispos, nas festas religiosas, nas cidades. Afirma:

“Apesar das dificuldades, o Caboclinho não pode acabar. As apresentações são simples e bonitas, todo mundo gosta.

*O Caboclinho é meu sonho!
Minha família! Eu amo o Caboclinho!”
(Sebastião D. Silva).*

Imagens 87: Dança do Caboclinho
Foto: Acervo de José Maria Soares

Imagem 88: Dança do Caboclinho
Foto: Acervo de Marlene Mateus



Imagem 86: Sebastião Divino da Silva, 63 anos (2021)
Foto: Josiane Mateus Ponciano



Sabinópolis

Festa de N. Sr.^a do Rosário: da originalidade negra ao multiculturalismo atual

No blog da Paróquia de São Sebastião de Sabinópolis¹⁷, foi publicado o artigo de Josélia Barroso Queiroz Lima (2012), na época doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Ela revela que, de acordo com os documentos paroquiais, a origem da Festa de Nossa Senhora do Rosário no município tenha sido por volta de 1856, quase 90 anos antes do que constam em diversas outras fontes de pesquisa.

Inicialmente, o culto à Nossa Senhora do Rosário era organizado e manifestado pelo povo negro dessa região. Era uma festa que contava com reis e rainhas e, do reinado aos tocadores de instrumentos, todos os cargos eram ocupados exclusivamente por pessoas negras, numa organização chamada de Irmandade do Rosário, que se dedicava a promover os louvores à Santa uma vez por ano. Contudo, em meados de 1903, a Irmandade do Rosário “perde forças” e se fragmenta, impedindo que a manifestação à Nossa Senhora do Rosário pelos povos negros da cidade aconteça.



Imagem 89: Festa de Nossa Senhora do Rosário, Patrona dos Negros, representada por Johann Moritz Rugendas (1835)
Fonte: Blog da Paróquia de São Sebastião de Sabinópolis

¹⁷ LIMA, Josélia Barroso Queiroz. **Festa de Nossa Senhora do Rosário**: resistência e memória. Recorte do estudo de Doutorado. Blog da Paróquia de São Sebastião de Sabinópolis. Disponível em: <http://paroquiadesabinopolis.blogspot.com/2012/08/festa-de-nossa-sra-do-rosario.html>.



Imagem 90: Cortejo do Reinado da Festa do Rosário de Sabinópolis/MG (2018)
Foto: Acervo de Gleidson Tavares

Essa tradição reúne anualmente pessoas de toda a região e é realizada comumente no mês de agosto, incluindo novena, shows, pirotecnia e barracquinhas. O ápice da Festa do Rosário em Sabinópolis é a sexta-feira, último dia da novena e o primeiro do final de semana da festa, no qual é hasteado a bandeira em nome da Santa. O sábado é marcado pelo cortejo do Reinado, uma explosão de cores e cultura, incluindo os marujos, caboclos, rei e rainha, banda de música, estandartes, o andor da Virgem do Rosário etc., enquanto que no domingo, último dia da festa, acontece a procissão a Nossa Senhora do Rosário, sua coroação e a entrega da coroa para o rei e a rainha do próximo ano.

Imagem 91: Chegada do Rei e da Rainha da Festa do Rosário de Sabinópolis/MG (2018)
Foto: Acervo de Gleidson Tavares

Segundo o estudo feito por Lima (2012), somente em 1943, data conhecida por muitos como de origem da festa, ela foi resgatada pelo vigário paroquial Monsenhor José Amantino dos Santos. Nessa versão, a festividade em honra à Virgem do Rosário em Sabinópolis se difere de sua caracterização inicial: vê-se pessoas brancas adquirindo participação na Festa, ocupando vários cargos, e também outras tradições, como Marujada e Caboclada, foram incluídas nessa manifestação. Além disso, a festa incorpora elementos portugueses, principalmente do Reinado, como roupas luxuosas e elementos/acessórios ostentosos, deixando sua simplicidade para trás. Com o passar do tempo, a Festa de Nossa Senhora do Rosário, a partir do movimento iniciado por Monsenhor Amantino, foi se transformando, além de incorporar novos elementos não ligados à parte religiosa da festa, como o bumba-meu-boi, bonecões e minhocão, resultando em um multiculturalismo. Hoje, a Festa de Nossa Senhora do Rosário é o cartão postal da cidade de Sabinópolis: um misto de elementos culturais, uma dualidade entre o profano e o religioso.





Gleidson de Pinho Tavares

41 anos

Formado em História pela PUC-Minas,
especializado em História da Arte pela PUC-Minas
e mestrando em História pela UFVJM.

“A Festa de Nossa Senhora do Rosário da cidade de Sabinópolis/MG tem, inicialmente (por volta de 1856), uma forte ligação com a Festa de Nossa

Senhora do Rosário realizada no Serro/MG (Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos). Isso deve-se ao fato de que, por um certo tempo, Sabinópolis foi distrito do Serro. Consequentemente, a região sofreu forte influência da cultura serrana. Elementos como a Marujada, Caboclada e Reinado - que eram marcas da Festa do Rosário no Serro - são, então, incorporadas às festividades de Nossa Senhora do Rosário em Sabinópolis. Ambas as festas tiveram sua origem através da manifestação dos negros escravos situados nessas cidades, que se organizavam para prestarem culto à santa. Contudo, a Festa de Nossa Senhora do Rosário em Sabinópolis, em meados de 1940, sofre uma forte descaracterização de sua originalidade: o culto à Nossa Senhora do Rosário, que era organizado e representado no geral por pessoas negras, passa a ser composto, agora, por pessoas brancas, já que estas eram as que compunham a maior parte da sociedade sabinopolense nesse momento. Esse processo deu-se a partir da reincorporação da Festa de Nossa Senhora do Rosário, no ano de 1940, pelo então vigário paroquial de Sabinópolis, Padre Monsenhor Amantino, já que as festividades à Nossa Senhora do Rosário não eram realizadas desde 1903.

Nessa nova versão, o culto religioso à Nossa Senhora do Rosário vinculou elementos de uma outra festa que também acontecia na cidade de Sabinópolis, a Festa do Divino Espírito Santo, que era organizada sob os moldes da corte portuguesa, com características mais luxuosas. Sendo assim, a Festa do Rosário deixa de ser uma simples manifestação do povo negro e passa a ganhar aspectos mais ostentosos, o que perdura até os dias atuais. Várias pessoas da própria cidade chegam a confundir o rei e a rainha da Festa do Rosário de Sabinópolis/MG, tal qual o reinado, como a representação da corte portuguesa ou até mesmo da monarquia brasileira, mas não se deve esquecer que, em sua originalidade, é uma manifestação que foi difundida pelo povo negro como representação de sua própria cultura. Os caboclos e marujos marcam o sincretismo religioso da Festa do Rosário. Eles remetem à religiosidade da cultura africana, no que tange o culto à Iemanjá, mas que em contextos católicos, cultuam a mãe de Jesus, com o título de Nossa Senhora do Rosário. Já os bonecos, o bumba-meu-boi e o minhocão são símbolos profanos presentes nas festividades à Santa, mas que somados ao religioso, compõe a tradicional Festa de Nossa Senhora do Rosário em Sabinópolis que conhecemos no dia de hoje.”

Imagem 93: Líder da Marujada e Líder da Caboclada Lado a Lado (2018)
Fonte: Acervo de Gleidson Tavares.



São João Evangelista (parte 1)

Nosso acervo... parte da nossa história!

Moradores contam histórias e guardam com orgulho lembranças e peças que os remetem às suas memórias e ajudam a resgatar o cheirinho da lamparina a querosene acesa ou ao som de festas animadas por uma boa vitrola.

Divino Mendonça Salema, nascido em Coluna e morador de São João Evangelista, fala das animadas festas de antigamente e mostra com orgulho a maleta de sua vitrola. Um equipamento prático e fácil de manusear, ainda em funcionamento nos dias de hoje, que em seu auge de fama era bem popular e foi muito utilizada pelo Sr. Divino.

“Naquela época comprar uma vitrola como essa, Motoradio Somlindo, era a coisa mais difícil, às vezes a gente tinha que vender vaca, vender muito milho, muito feijão para adquirir uma vitrola como esta, e eu adquiri esta vitrola com muita dificuldade, e naquela época ainda não tinha nem energia na zona rural, então era a pilha, era muito cobiçada.” (Divino M. Salema).



Imagem 95: Maleta da vitrola (2021)
Foto: Eliseu Ribeiro Salema

Sr. Divino seguiu compartilhando conosco suas histórias e belas lembranças:

“Nos dias de meio de semana, que eu não ia na casa da namorada namorar, eu levava ela [vitrola] próximo à casa da minha namorada para a gente tá fazendo serenata, tocando algumas músicas. Eu levava a vitrola e os meus amigos levavam a caixa, tudo ligado, colocava os discos ali mesmo, ficava lá até a madrugada ouvindo música. Naquela época a gente ouvia Tonico e Tinoco, Trio Parada Dura, Jacó e Jacozinho, esses cantores antigos que tinham, Milionário e José Rico, gostava muito de forró... era muito divertido, era um tempo assim, pouca maldade, era uma vida muito tranquila graças a Deus. E essa vitória faz parte da vida da gente, da história, marcou, eu resolvi deixar porque aí os filhos veem, os netos também veem né, como era naquela época(...). Na verdade é uma relíquia que a gente guarda.” (Divino M. Salema).

Carla de Oliveira Ferreira
Eliseu Ribeiro Salema
Jeaniny Ághata Pinheiro de Oliveira



Imagem 94: Vitrola elétrica e a pilha do Sr. Divino (2021)
Foto: Eliseu Ribeiro Salema

Por causa da vitrola, a casa do Sr. Divino virou, para alegria dele, um lugar de encontro:

“Muitas pessoas iam na minha casa só para ouvir música à noite, sabe, eles não tinham diversão nenhuma aí ia lá em casa muita gente, levavam carne, levavam coisas para a gente comer, biscoitos, para poder fazer festa ouvindo a vitrola, sabe, porque ninguém tinha na época (...) aí eu comprei essa vitrola, comprei uns discos de forró, uns discos de caipira muito bom. Acabou que o povo ia lá em casa e ficava lá todo mundo escutando até lá pela madrugada e depois ia todo mundo embora alegre, e era assim, a vida é muito boa e foi desse jeito e eu tenho até hoje.”
(Divino M. Salema).

Imagens 96 e 97:
Lamparina a querosene de
Luciana O. Azevedo
Foto: Carla de Oliveira
Ferreira (2021)



Outro objeto que também traz as particularidades de um tempo histórico é a lamparina a querosene, de propriedade de Luciana Oliveira Azevedo, nascida em Peçanha e moradora de São João Evangelista. Ela guarda com muito carinho e relata que estar diante dela faz até com que sinta o cheirinho quando acesa. Sua lamparina, de belo *design*, tem o formato de funil, o funcionamento a base de querosene e o pavio de algodão, que tinha a função de sugar o querosene até a ponta onde era aceso o fogo e permanecia com a chama até o término do combustível ou do pavio. Esta peça, que dependendo da região do Brasil, é conhecida por outros nomes, como candeeiro e lampião. Não é apenas um objeto, ela fez parte da rotina das pessoas na ausência da energia elétrica, ela tem uma importância histórica e cultural.

Mas a cidade também abriga novos moradores, como Carla de Oliveira Ferreira, nascida em São Paulo e residente em São João Evangelista desde dezembro de 2020:

“Morar em uma cidade com menos de 16.000 habitantes está sendo algo maravilhoso. Um dos pontos marcantes é ter acesso rápido e fácil à zona rural, onde a história continua viva, porque lá se mantém as tradições.”
(Carla Ferreira).

Carla lembra que algumas tecnologias tem sido usadas de forma inadequada, causando degradação da natureza, deixando sequelas na vida da geração atual e futuras! Mas em São João Evangelista se sente bem cuidada, fica maravilhada com a qualidade de vida, se sente reconectada com a natureza, tem acesso ao agricultor e sua produção orgânica, o privilégio de respirar um ar puro, o que faz bem para seu corpo e sua mente.

Imagem 98: Carla de Oliveira Ferreira
Foto: Acervo pessoal



São João Evangelista *(parte 2)*

A História da Escola Estadual “Monsenhor Pinheiro”

Andressa Silva Moraes
Jessé Renan de Almeida Soares
Marina Márcia Lima Batista
Natália da Cruz Delarmelina
Rayane Stefani da Silva Ferreira



Imagem 99: Fundador Monsenhor Antônio P. de Souza Brandão
Foto: Acervo da Escola

Mas a escola só veio a ser oficializada em 22/12/1908 pelo Decreto 2329, assinado pelo então Governador do Estado Dr. Júlio Bueno Brandão, tendo então completado um centenário em 2008.

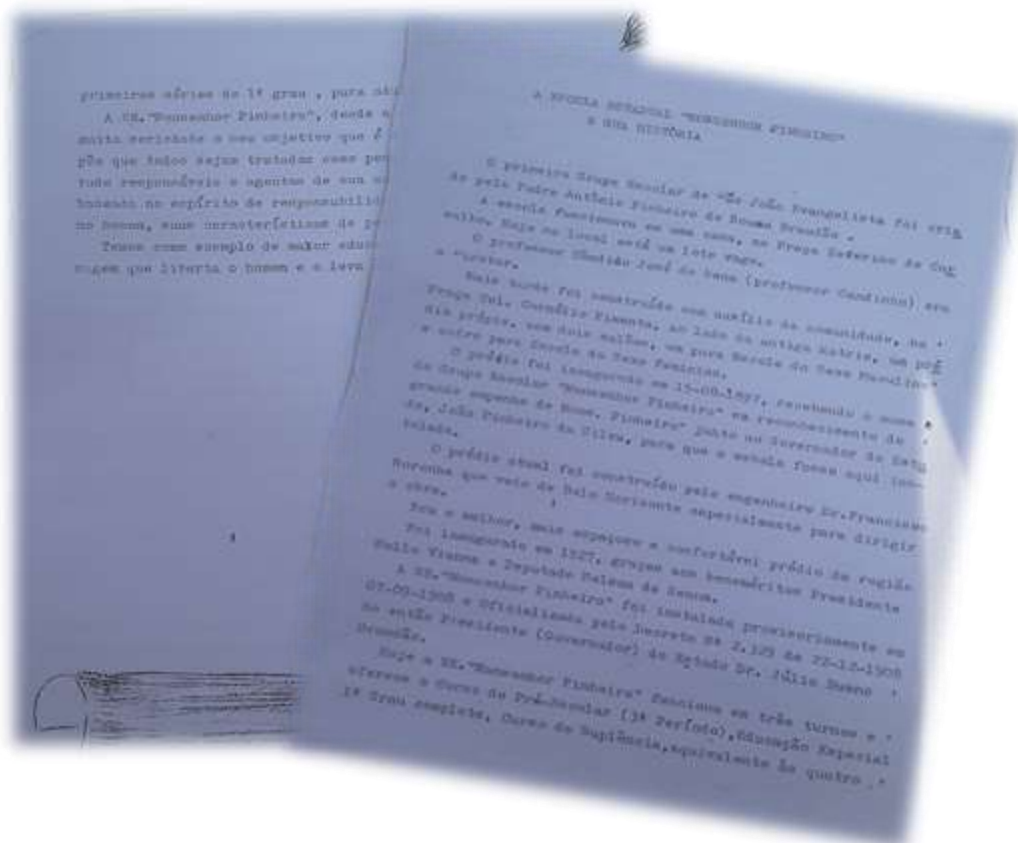
Segundo documentos que compõem os arquivos da Escola Estadual “Monsenhor Pinheiro”, o primeiro prédio da Escola foi construído com ajuda da comunidade em 1897. Eram 2 salões, um para o ensino feminino e outro para o masculino, recebendo o nome Grupo Escolar Monsenhor Pinheiro, em homenagem ao benemérito Monsenhor Antônio Pinheiro de Souza Brandão, que não mediu esforços para que a escola fosse aqui instalada, cumprindo assim sua nobre missão de promover o ser humano, sob a direção dos professores Franklin Pereira dos Reis e Joaquim Eleto de Queiroz.



Imagem 100: 1º Diretor Professor Franklin P. dos Reis
Foto: Acervo da Escola

A inauguração das instalações oficiais, se deu em 12 de outubro de 1927, dia do Descobrimento da América, segundo crônica redigida por Zé Passarinho (ex-aluno).

Imagem 101: Atividade de comemoração do Centenário
Foto: Acervo da Escola



No documento “A Escola Estadual Monsenhor Pinheiro e sua história” encontramos uma reflexão acerca do lema da instituição.

“A E.E. “Monsenhor Pinheiro”, desde sua criação, encara com muita seriedade o seu objetivo que é o ENSINO. Nosso lema supõe que todos sejam tratados como pessoas livres mas, sobretudo, responsáveis e agentes de sua auto-educação. A liberdade baseada no espírito de responsabilidade é que faz desenvolver no homem suas características de pessoa, e não de indivíduo. Temos como exemplo de maior educador, Cristo. Ele é a “mensagem que liberta o homem e o leva à plenitude.”

Imagem 102: Documento “A Escola Estadual Monsenhor Pinheiro e sua história”
Foto: Acervo da Escola

Depoimentos de Ex-Alunos

José Luiz Gonçalves, conhecido como Zé Passarinho, foi aluno e um dos responsáveis, juntamente com seu pai João Passarinho, por uma reforma que veio a ocorrer em 1940. Segundo Zé Passarinho, uma grande festa se deu naquele dia, que contou inclusive com a presença do Monsenhor Pinheiro.

“Eu me lembro que em 1929 entrei para a escola frequentando as aulas da professora Maria das Dores Ribeiro (a mestre Dodô). Tudo era muito bonito naquela época, principalmente nas comemorações cívicas. Antes do recreio, havia uma pequena pausa nas aulas, quando os alunos se reuniam na varanda a fim de cantar o Hino Nacional e outras melodias. Em 1936 eu tirei o diploma, após ter sido examinado por uma banca presidida pelo saudoso Silvio Benone de Queiroga. Fizemos provas escritas e orais, tudo com muita seriedade. Ainda me recordo de alguns colegas daquela época, tais como: Elsa Gonçalves Coelho Leite e Maria de Lourdes Amaral, ex-funcionária desta casa.” (Zé Passarinho).

Luiza de Fátima Lima Mendanha relata:

“Estudei no Monsenhor Pinheiro no ano de 1974 e a diretora na época era a dona Cordélia. Na minha época, a maioria dos alunos não tinham uniformes, a escola fornecia lápis e borrachas pra quem não tinha, porém muitos alunos não tinham mochilas, então usavam sacolas para carregar esses materiais. O uso do uniforme escolar era obrigatório, os que não estavam uniformizados voltavam para a casa. Eu usava muitas vezes uniformes usados ganhados de outra pessoa. O ensino era bom, era uma professora só para todas as matérias, exceto para a educação física: peteca e vôlei para as meninas, futebol e queimada para os meninos. Havia gincanas, festas juninas e algumas apresentações que aconteciam na escola. Nem sempre podíamos contar com a merendar escolar fornecida pela escola. Teve uma época em que pararam de fornecer a merendar escolar, e os que tinham condições compravam e levavam, os que não tinham ficavam sem merendar. Apesar das dificuldades financeiras que muitos alunos assim como eu enfrentavam na época, tenho boas recordações dos professores e da escola Monsenhor Pinheiro.” (Luiza Mendanha).

Imagem 103: Interior da
Escola Estadual
Monsenhor Pinheiro (2021)
Foto: Marina M. Lima
Batista



A ex-aluna Rayane Ferreira relata:

“Eu estudei na escola do sexto ano até o nono, na minha época a diretora se chamava Rosalina. Os nomes dos demais funcionários não me recordo. Tinha 8 matérias que eram: Português, Matemática, Ciências, História, Geografia, Ensino Religioso, Educação Física e Inglês. Até nos dias de hoje professores que me deram aula continuam na escola. Na época eu participava sempre do JEMG [Jogos Escolares de Minas Gerais], um evento de jogos que acontecia de ano em ano, treinávamos na quadra da escola mesmo. Logo perto da quadra tinha o pátio com banheiros feminino e masculino, onde também era servida a merenda feita por serventes e nutricionistas da escola. A escola continha dois andares: o andar de cima continha várias salas, na minha época todas com tv, e o andar de baixo tinha o corredor que dava acesso a um jardim no centro da escola, contendo também várias salas: a sala dos professores fazerem sua refeição, a secretaria que possui uma porta de entrada de funcionários, a diretoria, uma biblioteca e uma sala com computadores que na minha época era utilizada pra fazer vídeo aula. Nesse corredor também, na parede, tinham vários quadros de alunos que já estudaram na escola além de quadros dos fundadores da escola.” (Rayane Ferreira).

São Geraldo do Baguari

História, cultura e belezas naturais

O distrito de São Geraldo do Baguari está localizado na cidade de São João Evangelista, situada na região Centro-Nordeste do Estado de Minas Gerais. Trata-se de um pequeno povoado que abriga pessoas gentis e hospitaleiras, que preservam os costumes de seus antepassados como cozinhar em fogão a lenha, utilizar animais como meio de transporte e nos trabalhos agrícolas.

Antes de se tornar povoado, São Geraldo do Baguari era uma grande fazenda que pertencia ao Sr. Marciano Rodrigues. Ele era descendente de alemães e tinha uma filha chamada Esmerai. Ela se casou com o Sr. Joaquim Eduardo Dias dos Reis, que havia chegado na região juntamente com sua família fugindo da escravidão.

Antônio Ribeiro de Souza Júnior
Crislaine Tamirez Dias Ponciano
Priscila Martins Costa



Imagem 104: Sr. Joaquim Eduardo
Foto: Acervo de Inez de Souza Reis Abdala



Outras pessoas também emigraram e se estabeleceram na região, como o Sr. José Abdala que se instalou na cachoeira da fumaça, e Sr. Ilarino Pires Duarte, que comandava os tropeiros: ambos comerciantes, vendiam produtos industrializados como sal e querosene, e compravam produtos agrícolas.

Imagens 105 e 106: Moradores
e os meios de transporte utilizados
Foto: Acervo de Inez de Souza Reis Abdala



Imagem 107: Produção do fumo de corda
Foto: Acervo de Inez de Souza Reis Abdala

Igreja Sagrado Coração de Jesus

Para a professora Maria Aparecida dos Santos Fernandes, uma das maiores riquezas do distrito é a igreja. Ela se lembra do terreno doado por Joaquim Eduardo e de sua construção. Explica que como o terreno era muito grande, foram construídas a praça e a escola, mas ainda ficou por muito tempo uma grande parte baldia, sendo usada para plantar batata, abóbora e cortar vassoura.

Os moradores da região demonstravam habilidades para a produção artesanal do fumo de corda.

Após o casamento, a filha do fazendeiro e seu marido herdaram as terras e doaram parte para a construção da escola, igreja e cemitério, fazendo com que o pequeno povoado crescesse e prosperasse. Quem nos conta esta história é Inez de Souza Reis Abdala, neta dos herdeiros, e que mantém em sua casa um encantador acervo.



Imagem 108: Igreja Sagrado Coração de Jesus
Foto: Acervo de Inez de Souza Reis Abdala

Ela lembra que o santuário foi construído há uns 45 anos, diante da necessidade de um lugar para guardar o patrimônio sacro da igreja do centro, que estava caindo e precisava ser demolida, mas ela própria se tornou um patrimônio.



Cachoeira da Fumaça

Esta região possui belíssimas paisagens naturais que despertam o interesse de visitantes, dentre elas a Cachoeira da Fumaça, considerada uma das 7 maravilhas da cidade de São João Evangelista.

Priscila Martins Costa nos lembra que além da beleza, a cachoeira abriga muito mistério com a lenda do Caboclo D'água: um ser que, no imaginário dos moradores, é meio homem e meio animal. Há quem diga que é verdade, que ele é tipo um “indiozinho”, outros que é um homem todo peludo, ou ainda um belo homem de corpo forte que vive no fundo do Rio Suaçuí. E há que diga que se trata apenas de uma história para manter as crianças longe do rio.

Imagem 109: Cachoeira da Fumaça
Foto: Acervo de Inez de Souza Reis Abdala

Culinária e Festividades

Tradicionalmente, é realizado no distrito a festa do Baguarisense Ausente, em que habitantes deste belíssimo povoado que acabaram emigrando retornam à cidade para homenagear sua terra natal. O evento conta com shows, barraquinhas de comida e muita diversão. No ano de 2018, quem brilhou na festa foi a banda de Henrique e Marcílio.

Nessas festividades, é possível apreciar a rica culinária, com vários pratos deliciosos, entre eles o “Fubá Suado”, que tem como matéria prima principal o fubá de milho: este é levado ao fogo brando com um pouco de água até cozinhar, e geralmente é consumido com torresmos e café.

Imagem 110: Show de Henrique e Marcílio na Festa do Baguarisense Ausente(2018)
Foto: Acervo de Antônio Ribeiro de Souza Júnior





Além disso, também é comum na região a realização de festas tradicionais, como a Caboclada e Folia de Reis, assim como cavalgadas e desfiles de 7 de Setembro, em comemoração à Independência do Brasil. Dessa forma, os moradores preservam sua cultura e costumes, mantendo vivas as tradições de seus antepassados.

Imagem 111: Representação da Caboclada
Foto: Acervo de Inez de Souza Reis Abdala



Imagem 112: Cavalgada
Foto: Acervo de Inez de Souza Reis Abdala



Imagem 113:
Folia de Reis
Foto: Acervo de Inez de Souza Reis Abdala



Imagem 114: Desfile de 7 de Setembro (1970)
Foto: Acervo de Inez de Souza Reis Abdala

São Sebastião do Maranhão

Carla de Oliveira Ferreira
Eliseu Ribeiro Salema
Jeaniny Ághata Pinheiro de Oliveira

Venha conhecer nossa arte e nossa história



Imagem 115: Monjolo (socador)
Foto: Acervo de Valdivino A. Santos (2021)

Sr. Valdivino Alves dos Santos, mais conhecido como Divino, leva consigo a arte da produção do fubá (feito em moinho de pedra) e da farinha de milho (feita em pilão de gangorra d'água), ambos produzidos a partir do milho seco, que é debulhado de modo a usar os seus grãos. Esse aprendizado vem sendo passado entre gerações, do seu avô para o seu pai, que passou para ele.

Produção Artesanal da Farinha de Milho

A farinha de milho é consumida na comida, no café ou mesmo no leite. Em sua produção, é utilizado o processo de “esmagamento” dos grãos de milho através de uma espécie de pilão movido pela força da água, conhecido como monjolo. O monjolo possui uma espécie de gangorra, com duas pontas diferentes, sendo uma para socar os grãos e a outra para encher e esvaziar de água, de modo que a ponta debaixo da queda d'água, ao encher, desce enquanto a outra sobe. Ao descer, a água cai e a ponta se esvazia ficando mais leve, fazendo com que a outra ponta caia indo direto para o pilão, onde os grãos foram colocados para moagem.



Imagem 116: Monjolo (queda d'água)
Foto: Acervo de Valdivino A. Santos (2021)

Produção Artesanal do Fubá

O fubá é produzido em um processo diferente da farinha de milho. É um alimento muito presente na culinária brasileira, sendo muito utilizado em Minas Gerais, sobretudo nas receitas de quitandas. Sr. Divino inicia o processo de moagem colocando os grãos do milho em um funil, com uma espécie de rampa, que fica sobre o moinho de pedra. Este é acionado por meio da força da água do riacho sendo bombeada pelo carneiro d'água, equipamento que direciona e dá força para a água girar a engrenagem, que é uma espécie de roda dentada. A engrenagem está ligada a um cilindro, que faz a pedra girar. Com a própria vibração do equipamento, os grãos de milho começam a cair dentro da pedra, passando para debaixo dela, sendo então moída pelo atrito. É possível regular a altura da pedra, para controlar a espessura da moagem, assim é possível produzir um pó bem fino, gerando o fubá, ou moer mais grosso, gerando a canjiquinha.

O Sr. Divino vende seus produtos no mercado da cidade, mais precisamente na Feira que acontece todos os sábados, na parte da manhã, a partir das 05h00, mas também entrega os produtos por encomenda.

O moinho de pedra e o monjolo utilizados na produção são do ano de 1986 e podem ser apreciados em funcionamento nos vídeos a seguir:



Imagem 117: Roda D'água / Engrenagem (2021)
Foto: Acervo de Valdivino A. Santos



Imagem 118: Carneiro d'água (2021)
Foto: Acervo de Valdivino A. Santos



Imagem 119: Moinho de pedra e o fubá (2021)
Foto: Acervo de Valdivino A. Santos

♥ Moinho de Pedra: <https://youtu.be/uH9ckBLlyMs>
♥ Roda D'água e Carneiro: <https://youtu.be/cLkg-4kRkJk>
♥ Monjolo (pilão de gangorra d'água): <https://youtu.be/tpCuVrCkJcM>

Jeaniny Ághata Pinheiro de Oliveira

“Nascida” e criada em São Sebastião do Maranhão, Jeaniny conta que sua mãe foi para Guanhães fazer o parto, porque as condições da cidade não permitem partos por lá.

“São Sebastião do Maranhão significa para mim: família, respeito, paz, humildade (...) é a minha base! Isso é principalmente pela minha família, em especial, minha mãe: ela também é de São Sebastião do Maranhão, onde foi formada e também contribui para a formação da sociedade. Maranhão é lembrança de infância boa, brincar de bola de gude, fazer e soltar pipa, chupar fruta no pé, ficar até de noitinha na rua brincando com os colegas de esconde-esconde, pega-pega, pé na bola, bandeirola, queimada (...) e tantas outras brincadeiras que traziam mais alegria pro dia! Também é uma cidade sofrida, como a maioria do interior, que caminha a passos lentos e que precisa de muito apoio em várias áreas. Eu gostaria muito que os conterrâneos tivessem a oportunidade de verem a cidade como o lugar onde pudessem realizar seus desejos profissionais.”
(Jeaniny A. P. de Oliveira).

Jeaniny fala também de sua avó, Maria Geralda de Oliveira, que gosta até hoje de usar o ferro à brasa. Lembra que com a energia elétrica escassa ou até mesmo sem ela, era preciso usar a brasa da fornalha à lenha para colocar dentro do ferro e passar a roupa, sendo colocado um prego na ponta para segurar a tampa fechada. Assim, a brasa aquecia o ferro e as roupas eram passadas. Reconhece então que o ferro, assim como outros objetos, ajudam a contar a história e a vida das pessoas.



Imagem 120: Ferro de passar roupa à brasa (2021)
Foto: Jeaniny A. P. de Oliveira



Imagem 121: Jeaniny Oliveira (2021)
Foto: Acervo pessoal

Virginópolis

A tradicional Festa da Jabuticaba

Virginópolis é um município localizado no Vale do Rio Doce, com uma população estimada em 10.572 pessoas e inserido no bioma de Mata Atlântica¹⁸.

Apresentamos este município por meio da tradicional Festa da Jabuticaba e da rainha do festival de 1983, Átila Lúcio Generoso.



Este festival anual, que tem como tema central a cultura da jabuticaba, combina a tradição de produção de derivados da fruta com música e outros costumes do município, sempre com muita alegria e grandes shows. Começou por iniciativa da Prefeitura, nas imediações da Praça João Rodrigues, como uma feira de produtos artesanais, nos quais os derivados da jabuticaba (geleias, doces em geral, pudim, licor, vinho etc.), elaborados pelas famílias que mantêm a sabedoria de preparo, ganharam protagonismo no comércio e mantêm a importância ainda nos dias de hoje.

Na versão atual, são sete dias de festa, com reza, barracas, comidas típicas, desfiles, coroação da rainha, shows, bailes, motocross e esportes. O evento estaria comemorando em 2021 seus 50 anos, mas a última edição foi no ano de 2019, devido a pandemia do Covid-19.

Imagens 122 e 123:
47º Festival da Jabuticaba (2018)
Foto: Prefeitura Municipal de Virginópolis/MG¹⁹

¹⁸ IBGE-Cidades. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/virginopolis/panorama>.

¹⁹ Prefeitura Municipal de Virginópolis. Facebook, 2018. Disponível em: <https://web.facebook.com/prefmvirginopolis/posts/1898746453527978/>.



Imagem 124: A rainha do ano de 1983 sendo coroadada
Foto: Acervo de Átila Lúcio Generoso

A Rainha da Jabuticaba

A coroação da Rainha da Jabuticaba²⁰ faz parte do legado do evento. Quem nos conta sobre esta tradição é Átila Lúcio Generoso, rainha coroadada no festival de 1983, filha do ex-prefeito Henrique Lúcio de Oliveira, fundador do festival.

“O festival surgiu em 1971, no contexto de um problema financeiro da cidade. Desta forma, o prefeito e sua comitiva foram para a cidade de Belo Horizonte para pedir ajuda financeira ao então governador do Estado de Minas Gerais. Nesta conversa, o governador perguntou para o prefeito e os demais presentes na reunião: “o que o município produz em abundância?”, referindo-se à pecuária, agricultura e afins.

Alguns responderam a ele com ironia: “lá só tem jabuticaba!”. Então, o governador deu a ideia de se fazer uma festa em comemoração à grande produção de jabuticaba.” (Átila L. Generoso).

Átila lembra com saudades daquele tempo:

“A cidade ficava em festa e as comemorações eram muito diferentes dos atuais festivais.

*Os parentes ausentes deixavam para vir visitar nesta época e a cidade ficava irreconhecível, pois continha muita alegria e emoção, sendo uma marca de amor e orgulho desta terra.”
(Átila L. Generoso).*

Já o concurso surge, como explica Átila, para arrecadar dinheiro para um grupo de estudantes:

“A ideia da rainha do festival saiu de dentro da CNEC (Campanha Nacional de Escolas da Comunidade), através da professora Maria Madalena de Magalhães. Na época, o intuito era arrecadar dinheiro para a turma do magistério. Nos próximos anos outras entidades beneficentes também lançavam suas candidatas e as vendas de rifas ajudavam as escolas, hospitais, clubes de futebol, entre outros (...). A candidata que arrecadasse o maior valor era coroadada como a rainha do festival. A coroação acontecia na praça no domingo de manhã, onde ocorria o desfile oficial de encerramento do festival. A cidade era toda decorada e sonorizada para receber os turistas.” (Átila L. Generoso).

²⁰ Ipatrimônio. Patrimônio Cultural Brasileiro. Disponível em: <http://www.ipatrimonio.org/virginopolis-festival-da-jabuticaba/>.



Imagens 125 e 126: Festival da Jabuticaba (2018)
Foto: Prefeitura Municipal de Virginópolis/MG.

Para Átila, as transformações evidenciam que a cultura não é rígida e se transforma a partir de uma lógica própria. Por outro lado, a tradição se faz presente como, por exemplo, no tradicional concurso da Rainha da Jabuticaba. Ela explica que a apresentação das candidatas se efetiva a partir de um desfile para o qual vestem roupas sociais e esporte fino.

Imagem 127: Concurso Rainha da Jabuticaba (2019).
Foto: Prefeitura Municipal de Virginópolis/MG²¹



²¹ Prefeitura Municipal de Virginópolis. Facebook. Disponível em: <https://web.facebook.com/prefmvirginopolis/posts/1898746453527978/>.

Considerações Finais





**INSTITUTO
FEDERAL**

Minas Gerais

Campus
São João
Evangelista